



Linguagem e identidade em Roraima: desenho de um cenário sociolinguisticamente complexo

Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas¹
UFRR

Resumo: *Roraima é um estado extremamente promissor no que tange à análise da construção da identidade na sua relação com a linguagem, isto porque, além dos cerca dos doze povos indígenas que lá habitam e da dupla fronteira com a Venezuela e a Guiana Inglesa, recebe imigrantes nacionais, estrangeiros e indígenas que lá se estabelecem ou que experienciam a mobilidade geográfica por razões variadas. Em paralelo a esta rica diversidade, a sociedade em geral constrói ou, por outro lado, se ressenta no discurso da ausência de uma identidade una, idealizada e imaginada que pareceria dar suporte à integridade do ser roraimense, múltiplo e híbrido como qualquer outro. A transculturalidade tem assim um lugar privilegiado em Roraima, numa construção que precisa e merece ser problematizada para dar visibilidade e, conseqüentemente, respaldo a políticas públicas condizentes com a realidade e às especificidades do lugar, considerando ainda os vários ambientes que o compõe, proporcionando assim uma sociedade mais justa, construída a partir de diretrizes educacionais, culturais e de saúde que considere o tecido imbricado gerado por tamanha variedade.*

Palavras-chave: Roraima, linguagem, identidade.

Abstract: *Roraima is an extremely promising state with regard to the analysis of the construction of identity in its relation to language, this is because in addition to some of the twelve indigenous peoples who live there and double border with Venezuela and Cooperative Republic of Guyana (former British Guyana). Roraima receives national and foreign immigrants national, and indigenous people who settled there and experiencing geographical mobility for various reasons. In parallel to this rich diversity, the society in general builds or, on the other hand, resents the absence of a one identity discourse, conceived and imagined that would seem to support the integrity of a multiple and hybrid person from Roraima as any other. This way the transculturality has a special place in Roraima, a building that needs and deserves to be problematic to give visibility, and thus support public policies consistent with reality and the specificities of the place, and considering the various environments that compose it, providing thus a more just society, built from educational guidelines, cultural and health that considers the interwoven fabric generated by such a variety.*

Keywords: Roraima, language, identity.

¹ drahfreytas@yahoo.com.br



1. Introdução

O desenho que começa a ser traçado a partir do projeto que dá nome a este artigo e que embasa, por sua vez, o Grupo de Pesquisa Linguagem e Identidade em Roraima (CNPq) já nos mostra uma mescla de muitas matizes a partir das variadas problematizações advindas dos subprojetos que o compõe, ao mesmo tempo em que nos aponta a imensidão de questões que ainda precisam ser investigadas.

A guisa de contextualização geográfica e sócio-histórico-cultural convém neste primeiro momento lembrar que Roraima é o estado mais setentrional deste imenso país Brasil e que faz parte da tríplice fronteira: República Bolivariana da Venezuela (ao norte e ao nordeste) / Brasil / República Cooperativista da Guiana (a leste). Suas fronteiras nacionais estão ao sudeste com o Estado do Pará e ao sul e oeste com o Estado do Amazonas. Ocupa uma área aproximada de 224,3 mil km², composta de serras ao norte, floresta ao sul e planície ao centro, na sua porção mais vasta. Tem uma população de aproximadamente 450.000 habitantes e desses quase 30.000 são índiosⁱ.

É composto por cerca de doze etnias indígenas, que ocupam várias áreas no interior do Estado, algumas delas em regiões de fronteira e algumas em situações de conflito; além disso em Boa Vista, capital do estado, encontram-se vários índios oriundos dos aldeamentosⁱⁱ, que moram na periferia da cidade ou que estão de passagem, podendo ser encontrados em casas de apoio, hospitais e maternidades públicas, Casa de Saúde do Índio (CASAI) ou hospedados na residência de parentes.

A colonização de Roraima se deu pelos portugueses através do Rio Branco, que corta a capital, através da Guiana por ingleses e neerlandeses e através da Venezuela por espanhóis. Atualmente sua população é marcada pela presença de estrangeiros, como guianenses, venezuelanos, cubanos, peruanos, árabes, japoneses, entre outros.

Especialmente entre os anos 80 e 90 ocorreu uma massiva migração de outras regiões do país, inicialmente marcada pelo garimpo e posteriormente por uma desordenada política de ocupação. Desta forma, compondo a população local encontramos pessoas de todos os estados do país, notadamente gaúchos e nordestinos, especialmente maranhenses e cearenses.

Este contexto multicultural e plurilinguístico suscita no senso comum a ideia de uma terra sem identidade, sem cultura. Para a academiaⁱⁱⁱ, entretanto, este contexto e as práticas



linguísticas referentes a ele tornam-se os elementos motivacionais para pesquisa que, no nosso caso, se baseia na premissa de que é a partir da linguagem que nos construímos (MOITA LOPES, 2002), que a identidade é múltipla, flexível, negociada (HALL, 2006) e que mantém uma relação intrínseca com a diferença (SILVA, 2000; WOODWARD, 2000).

Neste artigo serão, portanto, apresentadas algumas análises que tratam da problematização acerca do que é, se há de fato uma identidade roraimense e como esta se caracteriza. Para tanto nos debruçamos sobre dados oriundos de registros coletados em dois grupos focais^{iv} realizados em junho de 2011^v, um composto por cidadãos comuns e outro por artistas locais, e a fala de um repórter coletada a partir de uma entrevista de televisão.

As falas registradas foram roteirizadas e os dados daí depreendidos foram transcritos para análise sob uma perspectiva qualitativa, onde a identidade roraimense é colocada em questão a partir das práticas dialógicas, entendidas aqui como espaços de construção de significados.

2. Os enunciados e a construção das identidades

Entender as práticas discursivas na sua relação com a construção de identidades é entender a linguagem como ação, produtora de subjetividades e de espaço de constituição do sujeito, enquanto que, ao atribuímos sentidos aos sistemas partilharmos de significação (cultura para Woodward, op cit) marcando a diferença através de símbolos e de representações, o que, por sua vez, recai sobre a linguagem, de maneira que a cultura constitui, e é constituída, pela linguagem de maneira cíclica.

O “eu” então se constrói e se manifesta pela linguagem, ininterruptamente e na interação com o “outro”. Assim, o sujeito se constrói, e se reconstrói, a partir dos sentidos que produz no jogo de percepções que tem de si mesmo, do outro e até da percepção que pensa que o outro tem de si. O que só toma forma no interior da situação social em que é produzida.

Este movimento dialético baseado nas relações de igual e do outro, da identidade e da diferença, que nos permite entender a cultura (ou as culturas no plural) como fundamento da dinâmica social (CUCHE, 2002) passa a fornecer um padrão através do qual uma determinada comunidade seleciona e classifica os seus elementos significativos. Aqui é importante ressaltar a ideia do partilhamento. A memória, se por um lado é própria de cada indivíduo, é coletiva



enquanto fenômeno social (BOSI, 1994). Assim, o grupo é que “elege” o que e como deve ser lembrado, o que é ou não marca histórica, cultural, linguística e identitária, entre outras.

Conforme Eagleton (2005) o conceito de cultura ganhou praticidade. Contextualizado, inclui valores sociais e políticos, mas ainda valores individuais. Assim, entende-se cultura hoje numa perspectiva mais ampla e conflituosa, pois a cultura não pode mais ser apreciada, academicamente falando, sem considerar as ações cotidianas.

E as ações cotidianas são vividas através da linguagem por um sujeito que se constrói continuamente e que, múltiplo por natureza, negocia a cada momento a face a ser mostrada, dependendo dos interesses em jogo. A dialogicidade toma lugar nas práticas do dia a dia e no contato com o outro o homem moderno pensa o mundo, suas relações e a si mesmo, se construindo e se descobrindo enquanto fala, enquanto interage.

Justamente por ser dialético e pelo intenso contato entre diversas culturas, o que é exacerbado pelo período pós-moderno em que vivemos, este movimento resulta numa cultura híbrida por excelência, resultado da influencia mútua entre as culturas. A instabilidade, a mescla, a maleabilidade, a constante transformação sem que, necessariamente, ocorra a substituição de elementos preexistentes caracterizam o fenômeno conhecido como transculturalidade, encontrado em tantas sociedades do mundo contemporâneo.

Entretanto, a globalização, característica da sociedade pós-moderna, também pode vir a produzir um movimento num sentido inverso, motivando o retorno à tradição (HALL, 2006) e/ou a busca de legitimá-la num conjunto de itens significativos e específicos, seja para se mostrar ao outro ou a si mesmo.

Assim, os elementos caracterizadores da cultura são por seu povo confeccionados, colecionados e expostos como quem se confecciona e se mostra, conscientemente ou não, de que é um movimento no sentido de construir e/ou manter a cultura, mas nunca, ou raramente, no sentido de subvertê-la, de transformá-la ou de agregar novos itens.

3. A identidade roraimense em jogo

O senso comum advoga por uma ideia essencialista de cultura (WOODWARD, 2000), um conjunto de características que o grupo partilharia e que não se alterariam com o passar do tempo, como diz uma professora de inglês filha de Makuxi^{vi} e guianense, concordando com



outro participante do Grupo Focal: “A minha ideia é a mesma dele, eu acho que Roraima é um estado que não tem sua cultura definida”.

Definida? O que definiria esta cultura e definida por quem?

A necessidade de definição é visível nesta fala, o que seria estabelecido a partir da diferença levado ao seu sentido extremo, único, com características particulares e que levariam à homogeneização. Neste processo identificamos a cultura abrangendo, como diz Hall (op cit) e Eagleton (op cit), práticas de significação construídas socialmente, envolvendo representação, dando sentido à condição de existência:

Eu cheguei com 3 anos, e eu vi Roraima crescer, então costumo dizer que Roraima... eu acho é a terra que é o testemunho... que muitos poucos que, eu no meu entender, em pouco tempo estarei sem identidade, por que? Porque você vê assim. Fizeram o garimpeiro, uma coisa belíssima, mas não tem manutenção, fizeram o portal das águas, muito bonito, mas não tem manutenção, ... (Filha de garimpeiro)

Segundo Anderson (1983) as comunidades são imaginadas, vemos pela fala desta senhora que as representações ligam os sujeitos através de laços imaginários que são construídos através da história de um povo, ao mesmo tempo em que lhe dão sustentáculo. Um sustentáculo que os monumentos precisam manter erguidos, conquanto que seja mantidos e a senhora, que acompanhou o crescimento do estado, se ressentia que os políticos não dão o valor devido, que deveria ser traduzido pela manutenção. Ou seja, fazer a manutenção dos monumentos é fazer a manutenção da própria memória, da cultura roraimense.

Esta fala reflete ainda um fenômeno interessante a luta política pelo estabelecimento da identidade local, marcada, neste caso, pela negociação de sentido entre o herói e o vilão, ambos representados pela figura do garimpeiro, visto ora como o desbravador, responsável pelo crescimento do estado, ora como a categoria que dizimou tantos índios, primeiros habitantes da região.

Assim, conceitos de identidade e cultura são construídos tanto simbolicamente como socialmente, dentro de um processo dinâmico, gerando uma identidade que nunca será fixa e sim fluida, sempre reconstruída, recriada, negociada e relacional. Nem sempre haverá um



consenso entre os partícipes de uma comunidade e este conflito é característica da cultura pós-moderna.

O homem comum que habita em Roraima não percebe este movimento e continua clamando por uma identidade que precisa ser estabelecida, quem sabe pelas mãos dos artistas. Isto transparece na fala de um repórter ao entrevistar, por ocasião da inauguração de uma feira de artesanato numa área de lazer às margens do Rio Branco, uma artesã que trabalha com reaproveitamento de garrafas: “Você trabalha com materiais recicláveis então, além de estar criando a identidade cultural roraimense ainda está cuidando do meio ambiente”.

A artesã, em potencial, participa do processo vasto e infindável de constante recriação da cultura da sociedade da qual faz parte, entretanto recebe do repórter, e não em forma de pergunta, mas de uma constatação, a responsabilidade de criar uma cultura específica de Roraima, não importando se o reaproveitamento de garrafas é, em si, específico ou não, próprio ou não, característico ou não, mas dando a entender que a celebração da arte/do artesanato se dará a partir do momento em que a feira de artesanato tiver lugar na Orla Taumanan, espaço criado para o lazer do boavistense e dos turistas que visitam a capital do estado.

O estabelecimento de movimentos artísticos culturais como caracterizadores da identidade roraimense também, e principalmente, volta-se à música e poesia do Movimento Roraimeira^{vii}, que são compostas, na sua maioria, com termos regionais. É o que nos mostra a fala de um agricultor, filho de Wapichana^{viii} e guiananense:

... então você tem aqueles grupos que são artistas, que são daqui, que defende há muito tempo () eu sinto eles aqui como verdadeiros heróis da nossa gente, porque eles mantêm hoje essa cultura, né? ... ‘Cai o sol na terra de Macunaíma’ () mas eu luto que prezo que reforce o que é daqui... então () eu trato Roraima como uma coisa minha, uma questão cultural, nossa identidade mostra que eu sou daqui, que ela tem que ser preservada... quando eu saio daqui eu levo cds, eu compro, eu levo roraimeira... eu... eu dou de presente, né?...



O Movimento Roraimeira, ao ser considerado mito fundador da identidade roraimense, nos faz lembrar do conceito de comunidades imaginadas de Anderson (1989), pautada na ideia construída por seus membros em termos de ícones e da tradição. Composto por muitos imigrantes de outros estados, que parecem já ter sido aceitos como representantes da cultura local.

A estabilidade, aparentemente gerada pela criação simbólica do Roraimeira parece ruir (o que não é absolutamente bem visto pelos que clamam pela cultura estabelecida) diante da sociedade pós-moderna, globalizada e heterogênea, gerando a desestabilização e a crise de identidade, típicas das sociedades contemporâneas.

4. O hibridismo como elemento caracterizador da identidade em Roraima

A cobrança da continuidade para esses itens míticos, demarcadores identitários, ocorre de maneira a cobrar o purismo da perspectiva essencialista, como colocado anteriormente, onde a transformação gerada pelo contato parece não ter lugar. É o que vemos na fala de um jornalista local:

... a gente vai pegando essas influências do resto do Brasil, o resto do mundo, mas não criamos uma identidade, nem aquele regionalismo, o regionalismo ele ficou, se restringiu às décadas de 80 e 90 movimento específico, mas não gerou os frutos de continuidade.

A identidade vai então se construindo como resultado da negociação entre o local e o global, considerando o movimento de resistência que, mesmo sem ter continuidade, ainda tem a força simbólica de ser uma marca de Roraima. Marca esta que, inclusive, deixou seus frutos, ignorados na fala do jornalista. Hoje encontramos reflexo do Movimento Roraimeira em outros grupos como Arte Caimbé e Clã Caboclo, por exemplo.



Novos movimentos que, sem o distanciamento da história, revelada pelas escolhas e partilhamento da memória coletiva, ainda não estão estabelecidos. Enquanto a comunidade não eleger os novos grupos como representantes legítimos da sua cultura ela estará se construindo simbolicamente dentro de um grupo menor de artistas que se aglutinam, consciente ou inconscientemente, para viver sua arte se fortalecendo em grupo. Neste sentido unem-se pelas semelhanças, que são as características comuns que os fazem sentir-se próprios, roraimenses. Sem, no entanto, desconsiderar suas características próprias, intrínsecas não só às suas técnicas artísticas, mas também às suas vivências anteriores a sua vinda para o estado.

Os artistas locais já começam a refletir sobre esse hibridismo que, mais que um conjunto de itens classificadores e caracterizadores, é resultado, ao mesmo tempo em que compõe, o movimento transcultural do estado. Na fala abaixo, de um músico e artista plástico, vemos que, apesar da percepção e valorização da diversidade, esta não é entendida como algo já existente mas como algo que precisa se estabelecer.

... vão formar essa identidade a partir de todas essas pessoas, essas outras pessoas que trazem essa bagagem de outros lugares pra formar, isso que eu acho tão bonito, né? Vai virar, a gente tem um alimento um prato que a gente come lá que é um mexido, esse que fica gostoso, coloca pimenta e tal, então acho que esse mexido que é o barato que é que vai ser identidade de Roraima que a gente busca. Eu vejo que já tem identidade, a identidade já é essa, esses conflitos, essa diversidade sempre vai ter. Eu acho que o barato é isso, vai ter uma hora que vai e quando alguém chegar vai só vai só acrescentar mais, isso vai segurar uma estrutura, ...

A identidade a ser estabelecida, mesmo partindo da ideia de mescla cultural e do conflito gerado por esta mescla precisará, segundo o artista, “segurar uma estrutura”, ou seja, precisa ser a própria estrutura. A identidade como algo único, que dá sustentáculo à arte e ao próprio ser, Uma explicação que gera conforto; que gera o lugar próprio, mesmo que a partir do múltiplo.



Esta ideia é reforçada pelo depoimento de uma designer gráfica, também mãe de santo, presente no grupo focal composto pelos artistas locais:

Talvez essa rotatividade de identidade né, que a gente traz pra cá, faça com que aqui nós sejamos o..., dizem que um... um segundo “Brasil” né, que tem várias identidades, então nós aqui conservamos essa montoeira de identidades. Então você fala assim: a identidade em Roraima é indígena, não, não é, são todas, nós temos tudo aqui né... é uma miscelânea, é um sanduíchão, que eu acho que... deve permanecer assim né, essa diversidade é necessária dentro do Brasil, cores..., um quadro pintado assim com várias cores né, acho que é por aí.

A ideia do sanduíche, que agrega vários ingredientes, que poderiam ser saboreados separadamente, mas que atrai justamente pela combinação de gostos, de temperos. Um quadro, que contém sua beleza pelo misto de cores e que nenhum ou pouco interesse traria se por acaso fosse monocromático. A fala da artista traz a força simbólica, através da criação performática que cria identidades, traçando um desenho imaginário para mostrar ao outro com quem interage no grupo focal.

A reflexão sobre o caráter plural e dinâmico que compõe a identidade roraimense é confirmada pela fala de uma bailarina, dona de uma conceituada escola de balé da cidade: “Mas talvez essa não identidade é a nossa identidade”.

A ideia de não se ter identidade em Roraima por conta da forte corrente migratória, presente na coletividade, é entendida aqui, pela entrevistada, como uma característica própria, peculiar e, portanto, como a própria identidade.

5. Considerações finais

A construção da identidade cultural é realmente algo instigante, porquanto não seja uma matéria simples, envolve a subjetividade dos sujeitos envolvidos e, no caso analisado, do



próprio pesquisador, posto que participante da comunidade em questão, com as características de ser imigrante de outro estado brasileiro.

Este forte traço migratório, tanto de outros estados como de outros países, somada a dupla fronteira e às comunidades indígenas que habitam a região transformam Roraima num estado promissor para a pesquisa acadêmica.

O homem comum, entretanto, se ressentido do que eles consideram, ou enxergam na consideração do outro, como uma ausência de identidade, o que gera uma preocupação em criar, estabelecer, mostrar para o outro e para si mesmo. Algo que é negociado, onde o negociador pode mudar a postura dependendo do interesse em jogo.

Falar sobre é tentar olhar de fora algo que você constrói estando dentro. É estranhar o familiar para poder refletir sobre ele. A perspectiva etnográfica trabalhada aqui buscou exatamente isto, tentar perceber a visão do outro, daquele que vive a construção identitária de Roraima; dar voz ao outro e tentar escutar esta reflexão, refletindo em voz alta junto com o outro, que está inserido num desenho social do qual todos nós, que vivemos em Roraima, também fazemos parte.

ⁱ IBGE, 2009.

ⁱⁱ Chamados localmente de malocas.

ⁱⁱⁱ A Universidade Federal de Roraima, criada em 1989, apresenta uma comunidade acadêmica constituída, na sua grande maioria, por imigrantes, ou filhos de imigrantes, de outros estados brasileiros.

^{iv} O Grupo Focal é um método de pesquisa qualitativo. Muito utilizado na área de marketing, é adaptada pelas Ciências Sociais, funciona como uma entrevista coletiva e/ou uma conversa em grupo e tem um tema em foco para debate, sob a orientação de um facilitador e registros de relatores, além da gravação em áudio.

^v Agradecemos a Prof^a Msc Joani Capiberibe de Lyra que coordenou os Grupos Focais numa oficina ministrada na 1ª edição do *Seminários de Pesquisa em Linguística Aplicada*, uma parceria do PET-Letras e PPGL, programas do Curso de Letras da UFRR.

^{vi} O maior grupo indígena do estado, habitam também terras guianenses.



^{vii} Movimento musical local dos anos 80.

^{viii} Segundo maior grupo indígena do estado.

Referências

- ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. Trad. De Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1983.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.
- EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MOITA LOPES, Luís Paulo da. **Identidades fragmentadas**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e diferença. In Tomaz Tadeu da Silva. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2004.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In Tomaz Tadeu da Silva. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2004.